



CONSELHO NACIONAL DE DESENVOLVIMENTO CIENTÍFICO E TECNOLÓGICO
INSTITUTO NACIONAL DE PESQUISAS DA AMAZÔNIA



BOLETIM DO MUSEU PARAENSE EMÍLIO GOELDI

NOVA SÉRIE

BELÉM — PARÁ — BRASIL

ZOOLOGIA

N.º 107

18, DEZEMBRO, 1981

LACERTÍLIOS DA AMAZÔNIA

VII — LAGARTOS DA REGIÃO NORTE DO TERRITÓRIO FEDERAL DE RORAIMA, BRASIL. (LACERTILIA; GEKKONIDAE, IGUANIDAE, SCINCIDAE E TEIIDAE).

Oswaldo Rodrigues da Cunha

Museu Goeldi

RESUMO : Estuda-se neste trabalho 13 espécies de lagartos de uma coleta de 591 espécimes, efetuada em junho de 1970, nas savanas e matas de duas localidades entre os rios Cauamé e Uraricoera, região de Boa Vista, Roraima. Das 13 espécies, 3 pertencem à família Gekkonidae, 4 à Iguanidae, 1 à Scincidae e 5 à Teiidae. Notas adicionais são feitas nas espécies **Coleodactylus septentrionalis** Vanzolini, 1980, **Gymnophthalmus underwoodi** Grant, 1958 e **Mabuya bistrata** (Spix, 1825).

INTRODUÇÃO

Durante os meses de junho e julho de 1970, Francisco Paiva do Nascimento da Seção de Herpetologia do Museu Paraense Emílio Goeldi, permaneceu 45 dias efetuando coletas de ofídios e lagartos na região de savanas de Boa Vista, entre os rios Cauamé e Uraricoera, no Território Federal de Roraima. Foram coletados 591 espécimes, sobre os quais foram identificadas 13 espécies, coletados nas localidades de Colônia Coronel Mota, a noroeste de Boa Vista, área de savanas e matas, na região da serra do Taiano, e na fazenda Bom Intento situada pouco acima daquela cidade, no igarapé Água Boa de Cima às margens do rio Branco, em área de campo e mata-galeria.

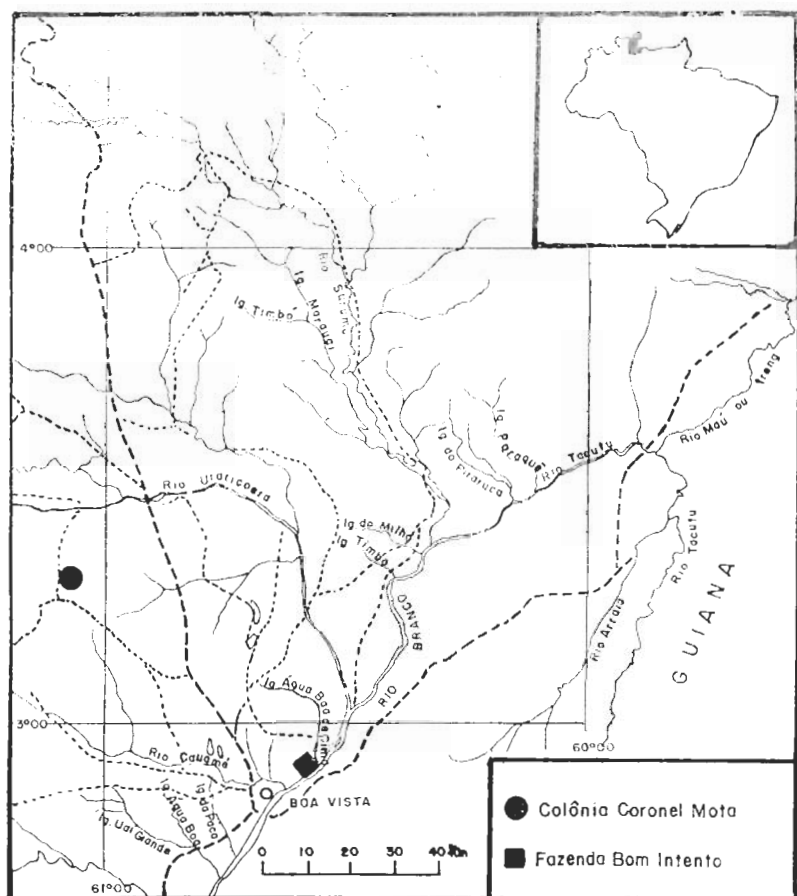
Entre os rios Cauamé e Uraricoera, a topografia caracteriza-se por uma superfície de aplainamento de rochas pré-cambrianas e cenozóicas. Existem algumas elevações salientes como o morro do Taiano ao sul do Uraricoera, noroeste de Boa Vista, e outras colinas menores (Guerra, 1957:56). Esta área faz parte dos chamados "campos do rio Branco", de formação pleistocênica (Formação Boa Vista). "Apresenta uma topografia de ondulações pouco acentuadas, originadas pelo entalhamento incipiente da drenagem". (Franco *et al.*, 1975:159).

O clima não é bem conhecido no Território, pela deficiência de postos meteorológicos. Na região dos campos e das savanas (ou campos cerrados), o clima é acentuadamente mais seco que nas áreas florestadas contínuas. Este período de verão seco é longo, de 7 meses com total pluviométrico de 327,7 mm (de setembro a março) enquanto os meses chuvosos de abril a agosto marcam o total de 1256,4 mm com a temperatura média compensada de 27,5 na região de Boa Vista (Guerra, 1957:97-109).

O período seco que se observa nesta região apresenta grande importância para a vegetação e fauna, limitando habitats para certas espécies de plantas e animais que só sobrevivem neste ambiente, como é o caso da cascavel (*Crotalus durissus ruruima* Hoge, 1965), o pequeno geconídeo *Coleodactylus septentrionalis* Vanzolini, 1980, a osga *Hemidactylus palaichthus* Kluge, 1969, e o lagarto *Kentropyx striatus* (Daudin, 1802).

A fitofisionomia da região entre os rios Uraricoera e Cauamé caracteriza-se pelas formações vegetais de savanas (ou campos cerrados) e campos, e pequenas matas-galerias, ao longo de igarapés e rios, como é o caso do rio Branco, o igarapé Água Boa de Cima e rio Cauamé.

As savanas apresentam alguma cobertura vegetal esparsa, composta de espécies baixas, com um tapete gramíneo; o campo, que também é uma savana, a vegetação típica é



Mapa da região de Boa Vista (RR), com a localização das áreas de coleta

constituída de gramíneas rasteiras, altas e contínuas. Nessas formações campestres encontram-se às vezes, pequenas ilhas de cerrado (ilhas de mato).

Na região da serra do Taiano ocorrem manchas de floresta tropical estacional semidecidual, geralmente de porte baixo e mediano, porém umbrófila. (Veloso *et al.*, 1975:379)

O presente trabalho é a complementação da recente nota sobre os ofídios da mesma região coletados em 1970 por Francisco Paiva do Nascimento (Cunha & Nascimento, 1980). Além da identificação das espécies de lagartos, é apresentada uma análise dos caracteres merísticos e de coloração, geralmente acompanhados de algumas considerações adicionais.

GEKKONIDAE

Hemidactylus palaichthus Kluge

Hemidactylus palaichthus Kluge, 1969: 39; Hoogmoed, 1973: 53; Vanzolini, 1978: 317.

Material: 12 ♂ adultos; 2 ♂ jovens; 8 ♀ adultas e 7 ♀ jovens, Colônia Coronel Mota (60° 20' 0, 3° 15' N).

Foram coletados 29 exemplares deste característico geconídeo, relativamente comum nas formações abertas no norte de Roraima. Do total constam 14 machos e 15 fêmeas. No lugar denominado Colônia Coronel Mota, o ambiente caracteriza-se por savana gramínea, campos, com ocorrência de ilhas de mato com vegetação arbórea ou arbustiva e palmeiras. Nos campos encontram-se espalhadas formações pedregosas onde tem seu habitat esta espécie.

Nos machos encontram-se de 30 a 36 poros femorais-preanais e no 4.º dedo 8 a 10 lamelas. O maior exemplar mede 58 mm de corpo (rostral-ânus) e 55 mm de cauda (total 113 mm); a maior fêmea mede 54 mm de corpo e 62 mm de cauda (total 126 mm).

A distribuição geográfica desta espécie vem se ampliando bastante, desde o trabalho de Kluge (1969), e parece que no futuro ela será ainda maior, quando coletas mais intensivas forem efetuadas na Amazônia ocidental e possivelmente no Pará ao norte do rio Amazonas e Amapá. Em recente trabalho Vanzolini (1978:317) expõe uma análise da sua dis-

tribuição ampla, até então, com ocorrências ao longo do rio Negro, quase próximo de Manaus (cidade de Moura), e dados comparativos com outra espécie próxima *Hemidactylus agrius* Vanzolini, 1978, do Piauí, Ceará e Pernambuco (Ibid.: 307). Este autor informa ainda que *Hemidactylus palaichthus* é antrópofila em várias localidades do rio Negro, onde tem sido encontrado em muros e cercas. Na Colônia Coronel Mota a espécie era vista no campo pedregoso em cercas de fazendas e possivelmente nas proximidades de habitações, segundo informações de Francisco Paiva do Nascimento. A espécie ocorre também em Suriname, conforme atesta Hoogmoed (1973 : 53), em especial na faixa costeira.

Gonatodes humeralis (Guichenot)

Gymnodactylus humeralis Guichenot, 1855: 13.

Gonatodes humeralis; Boulenger, 1885: 62; Vanzolini, 1968: 20; Hoogmoed, 1973: 83.

Material: 2 ♂ adultos; 7 ♀ adultas.

Este pequeno geconídeo é das espécies de mais extensa distribuição em toda a região norte da América do Sul, até Maranhão (área da hiléia), Goiás, Mato Grosso e Acre. É também muito comum nas regiões de mata primária e vegetação secundária, como ocorre na área leste do Pará. Os exemplares de Roraima foram coletados em ilha de mato, no tronco de árvores que formavam sombra com umidade.

Os exemplares do Território não apresentam variação de dados merísticos ou de coloração, quando comparados a espécimes da Amazônia ocidental (leste do Pará). Referências recentes sobre a espécie são mostradas em Cunha (1961 : 40), Vanzolini (1968 : 20) e Hoogmoed (1973 : 83). O maior exemplar macho mede da rostral ao ânus 34 mm e 43 mm de cauda; a fêmea maior mede idem 37 mm e cauda 37 mm. Nestes espécimes preservados há mais de 10 anos, os machos apresentam o dorso e lados pardo escuro com a linha vertical

mais clara; região ventral pardo claro, com as escamas salpicadas de minúsculos pontos. As fêmeas têm o dorso pardo claro e o ventre esbranquiçado com as escamas salpicadas dos mesmos pontos pardacentos.

Coleodactylus septentrionalis Vanzolini

Coleodactylus meridionalis (partim) Vanzolini, 1957: 2; 1968: 38.

Coleodactylus septentrionalis Vanzolini, 1980: 2.

Material: 222 ♂, ♀ e jovens, Fazenda Bom Intento; 58 ♂, ♀ e jovens, Colônia Coronel Mota.

A espécie em questão recentemente descrita por Vanzolini (1980 : 2), permaneceu muitos anos atribuída à *C. meridionalis* (Boulenger, 1888), um geconídeo do Nordeste do Brasil. A ausência de material suficiente e em boas condições morfológicas levaram os autores a tal suposição. Uma outra espécie *C. amazonicus* (Anderson, 1918), bem definida, ocorre em quase toda a Amazônia florestada conforme dados de Vanzolini (1968 : 33; 93; 1980 : 4), Hoogmoed (1973 : 67) e bem como as coletas efetuadas por nós no leste do Pará e por Francisco Nascimento no Amapá e Estrada Transamazônica (Altamira). *Coleodactylus septentrionalis* ocorre, pelo menos no momento nas áreas de savana do norte de Roraima, sul da Venezuela e Guiana (ex Inglesa).

Algumas notas do presente trabalho já estavam elaboradas, quando em maio deste ano (1981) estivemos em S. Paulo com o Dr. Paulo Vanzolini e onde tomamos conhecimento do seu trabalho sobre a nova espécie em questão, e em vista disso reelaboramos novos dados a respeito. Na ocasião oferecemos ao Dr. Vanzolini, como permuta, 20 exemplares de *C. septentrionalis* de Roraima.

Nas notas que já havíamos escrito, informávamos que existiam divergências acentuadas em relação à espécie *C. meridionalis* do Nordeste. Estas diferenças já haviam sido detectadas por Rivéro-Blanco (1968 : 104), em um espécime

de San Pedro de las Bocas, La Parágua, Venezuela. Assim considerando o que expunha, este sugeria que a população de *Coleodactylus* de Roraima e áreas próximas deveria ser uma nova espécie.

Os exemplares de *Coleodactylus septentrionalis* procedem de duas localidades afastadas por mais de 50 km, com habitats idênticos, ilhas de matas da savana estépica com vegetação arborea umbrosa, onde vivem no folhiço do chão sob as folhas caídas e em decomposição. Esta espécie é muito comum naquelas regiões e com certa facilidade são capturados com a mão, fazendo-se círculo limpo dos detritos, cercando assim os lagartinhos.

Dezenas de exemplares foram examinados, mostrando certa uniformidade de caracteres merísticos e de coloração. As escamas ventrais vão de 30 a 36, contando-se da região peitoral (junção do braço) à abertura anal. Em torno do corpo as escamas vão de 40 a 44. O comprimento do corpo varia de 20 mm a 26 mm e a cauda, nem sempre original, mas regenerada varia de 11 mm a 19 mm.

A coloração nos exemplares preservados, apresenta-se pardacento claro a escuro na cabeça, dorso, lados e cauda; região ventral geralmente branco amarelado, sendo o mento e garganta apenas branco. As escamas da garganta, peito, ventre e partes inferiores dos membros locomotores e cauda com a borda anterior pardacento; as escamas dorsais, membros locomotores e cauda com numerosos pontinhos. A commissura dos supralabiais e infralabiais esbranquiçada; uma nítida faixa clara nugal de contorno irregular que inicia acima do ouvido, de cada lado. Esta faixa é mais acentuada em alguns indivíduos que noutros. Também, às vezes é visível uma estria clara que parte da base da cauda e se estende à extremidade da mesma, aí se apagando.

Narina situada entre o rostral grande, e três pós-nasais, pouco acima do primeiro supralabial; dilatação palpebral normalmente com quatro escamas quadrangulares na face anterior e no restante granulares.

IGUANIDAE

Anolis auratus Daudin

Anolis auratus Daudin, 1802: 20; Donoso-Barros, 1968: 111; Peters & Donoso-Barros, 1970: 48.

Anolis auratus auratus; Hoogmoed, 1973: 99; Hoogmoed & Lescure, 1975: 148.

Norops auratus; Boulenger, 1885: 95.

Material: 24 ♂ adultos, 10 ♀ adultas e 1 ♀ muito jovem. Colônia Coronel Mota.

Esta pequena espécie de *Anolis* já havia sido assinalada por Boulenger (1885 : 96) para Santarém, Pará, através de um exemplar coletado pelo célebre naturalista H. W. Bates, provavelmente entre 1850/52. Apesar dessa referência, se por acaso tenha sido bem identificada, Peters & Donoso-Barros (1970 : 48) não assinalam a sua ocorrência no Brasil. Mais recentemente Hoogmoed (1973 : 107) mostra a distribuição da espécie, bastante ampla, através do Panamá, Suriname, Guiana Francesa, Venezuela, Colômbia, Equador e Amazônia brasileira.

É relativamente comum na savana de Roraima, onde vive em pequenos arbustos, não muito acima do solo. Como ponto de referência para a identificação mais segura da espécie seguimos os dados apresentados por Hoogmoed (1973 : 99). Os exemplares de Roraima ajustam-se aos caracteres por ele apresentados, salientando-se contudo no que diz respeito a diferenciação subespecífica, que preferimos no momento não corroborar, por falta de elementos mais definidos e conclusivos. Temos dúvidas da validade dos caracteres frágeis para criar *A. a. sipalliwinensis*.

Os espécimes de Roraima possuem de 9 a 13 escamas dorso-transversais e o quinto supralabial está em geral centrado sob o olho, como em *sipalliwinensis*. As escamas dorso-transversais, acima citadas, abrangem a amplitude das duas formas. A coloração é similar e em alguns exemplares

apresenta variação como as referidas por Hoogmoed. Em geral as fêmeas possuem uma larga faixa vertebral do occiput e que se estende até grande parte da cauda, onde é mais esmaecida. A linha esbranquiçada nos lados da cabeça e pescoço podem apresentar-se distintas ou indistintas. Em verdade o que ocorre é uma variação individual e sexual muito comum, nas espécies de *Anolis* em geral.

O maior indivíduo macho mede 49 mm do rostral à fenda anal e 130 mm de cauda; a maior fêmea mede 50 mm de corpo e 126 mm de cauda; o espécime muito jovem tem 22 mm de corpo e 46 mm de cauda.

Iguana iguana iguana (Linnaeus)

Lacerta iguana Linnaeus, 1758: 206.

Iguana tuberculata; Boulenger, 1885:186.

Iguana iguana iguana; Beebe, 1944: 201; Cunha, 1961: 91; Peters & Donoso-Barros, 1970: 149; Hoogmoed, 1973: 148.

Material: 3 ♀ jovens da Colônia Coronel Mota.

Os exemplares foram coletados em ilha de mato da savana da região citada, próximo de curso d'água.

Plica plica (Linnaeus)

Lacerta plica Linnaeus, 1758:208.

Plica plica; Cunha, 1961: 78; Etheridge, 1970: 245; Hoogmoed, 1973: 159.

Material: 1 ♂ adulto, 1 ♂ jovem, 1 ♀ adulta, 1 ♀ jovem, Colônia Coronel Mota.

Esta espécie não é muito freqüente nas regiões amazônicas onde tem sido por nós e outros assinalada. Não ocorre no leste do Pará e nem no oeste do Maranhão (mata da hiléia), mas tem sido coletado no Tocantins, Macapá, Amapá, Paru, rio Negro e Javari. Iguanídeo que alcança grande tamanho, bem se caracteriza pelo corpo deprimido, tufos de acúleos nos lados da cabeça e pelo colorido acinzentado olivá-

ceo ou esverdeado no dorso, manchado ou marmorado com pardo escuro; várias faixas mais ou menos distintas cruzam sobre o dorso e membros; cauda com as mesmas faixas formando anéis. O dimorfismo sexual é marcante no colorido, diferente no macho que é mais acentuado e principalmente pela grande mancha negra na bolsa gular desenvolvida e quase inaparente nas fêmeas.

O maior espécime macho mede 121 mm do rostral à abertura anal e 214 mm na cauda. A maior fêmea mede 122 mm no corpo e 150 mm de cauda, em regeneração.

Os exemplares estudados foram coletados em troncos de árvores das ilhas de mata, porém não floresta sombria, como ocorre em outras partes da Amazônia onde tem sido coletado. Em Roraima como em Suriname, segundo Hoogmoed (1973 : 166), a espécie adaptou-se ao tipo de vegetação mais aberta das savanas, onde as chuvas e a umidade são mais escassas e pouco elevadas respectivamente.

Plica plica está hoje mais ou menos definida como espécie, através da revisão de Etheridge (1970 : 242) e pelas anotações de Hoogmoed (1973 : 159) e mais recentemente pelas informações de Hoogmoed & Lescure (1975 : 150) sobre a ocorrência da mesma na Guiana Francesa.

Tropidurus torquatus hispidus (Spix)

Agama hispida Spix, 1825: 12.

Tropidurus hispidus; Boulenger, 1885: 177.

Tropidurus torquatus hispidus; Burt & Burt, 1931: 296; Cunha, 1961: 76; Hoogmoed, 1973: 185.

Material: 4 ♂ adultos, 3 ♀ adultas e 3 jovens e 4 muito jovens, da Colônia Coronel Mota; da Fazenda Bom Intento, 1 ♂ adulto, 2 ♀ adultas, 1 ♀ jovem e mais 2 muito jovens.

Este lagarto é muito comum em alguns lugares da Amazônia, Maranhão, Nordeste, Goiás, Suriname, Guiana, Venezuela e Bolívia. O grupo *Tropidurus torquatus* é bastante com-

plexo e à primeira vista parece difícil definir as subespécies assinaladas, *T. t. torquatus* (Wied, 1820) e *T. t. hispidus* (Spix, 1825). Cunha (1961 : 74-77) tentou diferenciar as duas subespécies através de pequena coleção de espécimes da Amazônia e do centro de Goiás, Mato Grosso e Maranhão. Encontramos diferenças acentuadas que reforçam a existência das duas subespécies. Vanzolini posteriormente não sublinhou tal status e ainda recentemente (1980 : 102) assinalou apenas a espécie *T. torquatus* para o Nordeste do país, esclarecendo que é *um grupo complexo, que só poderá ser entendido por meio de uma análise de conjunto*. Decididamente este é o caminho a ser tomado a quem futuramente queira decifrar os chamados grupos "difíceis". Hoogmoed (1973 : 185) em suas observações sobre a ocorrência de *T. t. hispidus* em Suriname concorda com nosso ponto de vista estabelecido no citado trabalho de 1961, por razões que considera de relevância, considerando o status fixado por Etheridge (in: Peters & Donoso-Barros, 1970 : 265 e 270) separando *hispidus* e *torquatus*, inexplicavelmente ocorrendo ambas nas Guianas!

O maior exemplar macho mede 92 mm do rostral à abertura anal e 110 mm de cauda; a maior fêmea mede 83 mm de corpo e 129 mm de cauda. Ambos espécimes coletados na Colônia Coronel Mota.

Mabuya bistriata (Spix)

Scincus bistriatus Spix, 1825: 23, pl. 26, fig. 1

Localidade tipo : Pará (Belém, Brasil).

Mabuya mabouya mabouya; Dunn, 1935: (87) 544.

Material: 3 ♂ adultos; 3 ♀ adultas; 1 ♂ jovem e 2 ♀ jovens, Colônia Coronel Mota.

Recentemente Rebouças-Spieker (1981a.:122; 1981b.:162) identificou uma nova espécie do gênero para a Amazônia (*Mabuya ficta*) e antecipou informações sobre a verdadeira

identidade de *Mabuya mabouya*, que erroneamente assim tem sido considerada em detrimento de *Mabuya bistriata* (Spix, 1825). No momento não queremos adiantar opiniões, porque Rebouças-Spieker e Vanzolini estão preparando uma revisão desta espécie e por isso aguardamos suas novas considerações.

Os exemplares de Roraima foram examinados mais detidamente, em particular os adultos, assim como muitos exemplares do leste do Pará e Amapá.

Conforme os dados referidos por Rebouças-Spieker (Ibid.: 163), podemos concluir que as populações das regiões acima citadas pertencem a espécie *M. bistriata* (= *Scincus bistriatus* Spix, 1825). A seguir apresentamos os caracteres merísticos de 6 espécimes de Roraima e 9 do igarapé Flaman, Calçoene, Amapá, coletado por Francisco Nascimento em novembro de 1969, para comparação.

Pelos dados acima as populações de todo o Baixo Amazonas e também da região mais setentrional, como as de Roraima deverão situar-se dentro desta amplitude: dorsais, 50-53; ventrais, 31-39; em torno do corpo, 28-32. O dimorfis-

RORAIMA

N.º	Sexo	Dorsais	Ventrais	Escamas em torno do corpo	Observações
3933	♂	53	36	30	
3959	♀	52	35	30	
4059	♀	—	39	30	
4065	♀	51	39	28	
4075	♂	53	37	30	
3936	♂	51	31	28	

AMAPÁ

N.º	Sexo	Ventrais	Dorsais	Escamas em torno do corpo	Observações
3520	♂	50	37	31	
3523	♀	50	35	30	
3524	♀	50	36	32	
3558	♂	50	31	29	
3559	♀	50	37	30	
3560	♂	52	34	31	
3561	♀	50	36	31	
3568	♀	52	33	30	
3569	♂	51	32	30	

mo sexual não parece estar bem definido nestes dados, assim os machos apresentam dorsais de 50-53; ventrais de 31-37; em torno do corpo de 28-31. As fêmeas com dorsais de 50-52; ventrais de 33-39 e em torno do corpo 28-32. Nestas amostras estão três machos com ventrais elevadas, 36-37, embora o sexo esteja bem definido nos espécimes.

Os caracteres diferenciativos apontados por Rebouças-Spieker estão presentes como: a) série superciliar de cinco escudos, com a primeira mais alargada; b) escamas dorsais visivelmente tricarínadas; c) escamas dorsais do pescoço arredondadas; d) grânulos da região palmar separados por uma fileira de escamas salientes; e) regiões palmar e plantar escuras; f) uma faixa pardo escura de cada lado desde o olho até grande parte da cauda, orlada por duas estrias claras, su-

perior e inferior; marginando esta, látero-ventralmente um esboço de outra faixa escura.

Em Roraima os exemplares foram capturados nas ilhas de mata das savanas da Colônia Coronel Mota, no folhiço do solo. O maior espécime macho mede do rostral ao ânus 93 mm e 143 mm na cauda; a maior fêmea 73 mm de corpo e 92 mm de cauda.

TEIIDAE

Ameiva ameiva ameiva (Linnaeus)

Lacerta ameiva Linnaeus, 1758: 202.

Ameiva ameiva ameiva; Barbour & Noble, 1915: 462; Burt & Burt, 1930: 28; Cunha, 1961: 113; Peters & Donoso-Barros, 1970: 19; Hoogmoed, 1973: 225.

Ameiva ameiva; Vanzolini *et al.*, 1980: 106.

Material: Fazenda Bom Intento — 5 ♂ adultos; 3 ♂ jovens; 3 ♀ adultas; 2 ♀ jovens e 5 ♀ muito jovens. Colônia Coronel Mota — 1 ♂ jovem; 1 ♀ adulta e 4 ♀ muito jovens.

O gênero *Ameiva* é bastante complexo e até hoje ainda não está plenamente resolvida ou definida a validade de espécies e em especial a de subespécie para *Ameiva ameiva*, a despeito da revisão feita há mais de 60 anos por Barbour & Noble (1915), que alguns autores acharam bastante deficiente e que não a aceitam, como Vanzolini *et al.* (1980: 110). Peters & Donoso-Barros (1970: 18) seguindo em grande parte a citada revisão de Barbour & Noble (1915) reconhecem 9 subespécies de *Ameiva ameiva*. Certamente levamos em conta a insuficiência dos dados e a grande variação que esta espécie demonstra ter, uma revisão mais ampla e com base mais científica em grandes coleções é de urgente necessidade.

O maior exemplar macho da Fazenda Bom Intento mede do rostral ao ânus 123 mm, e cauda 296 mm; a maior fêmea 110 mm de corpo e 248 mm de cauda. Da Colônia Coronel Mota a maior fêmea mede 146 mm de corpo e 260 mm de cauda.

Cnemidophorus lemniscatus lemniscatus (Linnaeus)

Lacerta lemniscata Linnaeus, 1758: 209.

Cnemidophorus lemniscatus; Duméril & Bibron, 1839: 128; Boulenger, 1885: 363.

Cnemidophorus lemniscatus lemniscatus; Burt & Burt, 1931; Cunha, 1961: 127; Peters & Donoso-Barros, 1970: 94; Hoogmoed, 1973: 262; Hoogmoed & Lescure, 1975: 156.

Material: 17 ♂ recém-nascidos; 2 ♂ jovens e 31 ♂ adultos; 19 ♀ recém-nascidas ou pouco mais de idade, 2 ♀ jovens e 14 ♀ adultos. Colônia Coronel Mota.

Em alguns locais da Amazônia esta espécie é muito comum, como tenho tido oportunidade de confirmar durante coletas intensivas nestes últimos 15 anos, nos arredores de Belém, região leste do Pará, sul do Pará, Maranhão, Amapá, Roraima e outros pontos. É lagarto estritamente heliófilo, vivendo em áreas abertas de campo, capoeira e às vezes nos sítios habitados pelo homem, como ocorre na vila balneária de Marudá, litoral oceânico do Pará, no Município de Marapanim, onde estes lagartos são mansos e aceitam muito bem a presença de pessoas, entrando inclusive pelas casas adentro. Em Roraima vive nos campos abertos, mas também próximo das habitações.

Algumas populações deste lagarto são reconhecidamente unissexuais (partenogenéticas), conforme assinalam Vanzolini (1970), para a Amazônia brasileira, Hoogmoed (1973 : 271) para o Suriname e Hoogmoed & Lescure (1975 : 156) para a Guiana Francesa. Há mais de 20 anos, em nosso trabalho (Cunha, 1961 : 127) manipulamos 8 exemplares todos fêmeas que nos suscitaram dúvidas, porém, na época não atinamos com partenogênese, julgando tratar-se de deficiência de coleta.

Os exemplares coletados em Colônia Coronel Mota, Roraima, indicam população bissexual onde os machos predominam sobre as fêmeas com um total de 50 espécimes con-

tra 35 destas. O maior exemplar macho mede 73 mm de corpo e 132 mm de cauda, enquanto a maior fêmea mede 57 mm de corpo e 75 mm de cauda. Os machos em geral são maiores que as fêmeas.

Kentropyx striatus (Daudin)

Lacerta striata Daudin, 1802.

Kentropyx striatus; Duméril & Bibron, 1839: 151; Boulenger, 1885: 340.

Kentropyx striatus; Burt & Burt, 1931: 346; Cunha, 1961: 110; Peters & Donoso-Barros, 1970: 152; Hoogmoed, 1973: 302.

Material: Colônia Coronel Mota — 3 ♂ adultos e 11 ♀ adultas; Fazenda Bom Intento — 23 ♂ adultos e 32 ♀ adultas.

Esta espécie ainda é muito mal conhecida, pois possui grande área de distribuição e há certa variação em populações distanciadas. Em vista disso há necessidade de uma boa revisão, que desde 1964 Vanzolini em contato conosco já havia percebido, não apenas nesta espécie mas no gênero *Kentropyx*. Nada de importante foi feito a respeito. Hoogmoed tendo por base alguns exemplares do sul de Suriname, próximo a fronteira do Brasil, resolveu descrever uma subespécie *K. s. viridicervix*. É desaconselhável aqui a criação de novos nomes nesta espécie, enquanto não houver uma visão global da mesma. Em vista disso preferimos conservar por ora só a espécie.

Os 14 exemplares da Colônia Coronel Mota foram examinados mais detidamente e deram o seguinte resultado:

Sexo	Escamas em torno do corpo	Colar	Ventrals	
			transversais	longitudinais
♂	66 — 72	12 — 14	33 — 34	14
♀	59 — 70	11 — 14	31 — 35	14

O comprimento no maior macho é de 116 mm do rostral ao ânus e 304 mm de cauda; a maior fêmea tem 103 mm de corpo e 165 mm de cauda. Uma fêmea da Fazenda Bom Intento mede 105 mm de corpo e 232 mm de cauda. Em geral os machos são sempre maiores.

Em Roraima a espécie é encontrada nas ilhas de matas das savanas das localidades aqui citadas. Esta espécie não ocorre na região leste do Pará, mas é bastante comum nos campos da ilha de Marajó. *K. striatus* apresenta habitat diferente de *K. calcaratus* Spix, 1825, o qual vive de preferência no recesso de floresta sombria, onde costuma aquecer-se ao sol nas clareiras da mata ou então nas bordas destas com a vegetação secundária ou em caminhos e estradas. A outra espécie vive em campos ou sob vegetação aberta.

Gymnophthalmus underwoodi Grant

Gymnophthalmus underwoodi Grand, 1958: 228; Peters & Donoso-Barros, 1970: 137; Hoogmoed, 1973: 273; Vanzolini, 1976: 177.

Material: 9 ♂ adultos, 13 ♀ adultas, Colônia Coronel Mota.

Este microteídeo de vistosa coloração é de muito interesse quanto a sua distribuição geográfica. Possuindo a nossa seção de Herpetologia uma boa série de 22 exemplares, julgamos efetuar uma análise acurada dos caracteres merísticos e da coloração. A seguir a tabela dos dados principais:

Os caracteres mais importantes são: Frontonasal heptagonal; prefrontais em geral irregulares, contínuos, separados às vezes pelo frontal, como na fêmea n.º 4097; parietais grandes mais ou menos hexagonais, irregulares; interparietal muito grande, com o aspecto do frontal; o interparietal tem o ápice dilatado para além dos occipitais, separando-os, contactando com o mediano destes; um supraocular grande em contato com os dois supraciliares, sendo que destes o anterior é muito grande e o outro minúsculo; nasal inteiro; loreal hexagonal; um frenocular pequeno irregular; um pequeno

N.º	Sexo	Dorsais	Ventrals	Comprimento (mm)		*
				Corpo	Cauda	
3968	♀	37	23	35	—	
3969	♀	34	25	38	70	(r)
3970	♀	36	24	34	54	
4009	♂	33	21	31	55	
4034	♀	35	26	31	50	
4035	♀	34	25	34	61	
4036	♀	33	22	30	55	
4095	♀	37	26	33	51	
4096	♂	33	22	29	28	(r)
4097	♀	35	27	40	42	
4098	♀	37	25	33	56	
4099	♂	34	23	34	66	
4108	♂	34	22	35	66	
4147	♀	34	25	34	47	
4173	♀	36	25	34	—	
4174	♂	32	22	31	50	(r)
4175	♀	34	25	39	61	
4200	♀	36	26	33	—	
4301	♂	34	23	31	56	
4415	♂	31	22	32	45	(r)
4416	♂	34	22	32	—	
4417	♂	34	23	33	34	(r)

(*) (r) = regenerada.

preocular e três postoculares; um subocular longo e estreito em contato com o olho e com o quarto, quinto e sexto supralabiais; oito supralabiais, com o quinto mais ou menos sob o olho; mental anterior trapezoidal; seis infralabiais, terceiro e quarto longos e maiores.

Os escudos da cabeça, em especial os anteriores, com imperceptíveis fossetas nas bordas e também geometricamente dispersas no centro. As escamas do corpo, dorsais e laterais, possuem duas fossetas, idênticas aos escudos cefálicos, dispostas nas bordas posteriores, tal como ocorre com algumas espécies de ofídios. Escudos da cabeça, corpo e membros locomotores lisos. Uma fila de três grandes gulares imbricadas, com fossetas, com 10 escamas, até os peitorais que são cinco escamas, com a do centro maior em losango.

Escamas dorsais 31 a 34 nos machos e 33 a 37 nas fêmeas; ventrais 21 a 23 nos machos e 22 a 27 nas fêmeas. Em torno do corpo 13 escamas em ambos os sexos. A placa anal apresenta três grandes escamas nas bordas e uma no centro e mais uma de cada lado, muito pequenas na parte anterior, nos machos; nas fêmeas são cinco nas bordas e uma no centro mais ou menos do mesmo tamanho. Os machos com 3 poros femorais de cada lado, ausentes nas fêmeas.

As escamas da cauda em 11 filas longitudinais, subarredondadas, imbricadas, lisas na parte médio-anterior e daí para a extremidade lanceoladas, carenadas e pontudas; na cauda regenerada as escamas são alongadas, estreitas, carenadas. Os membros locomotores anteriores com 4 dedos, o polegar ausente.

Em exemplares preservados a coloração apresenta a cabeça e dorso até a base da cauda acinzentado-bronzeado; uma estria clara dorso-lateral de cada lado, que inicia no rostral e estende-se até à base da cauda; nos lados uma larga faixa pardo-bronzeado que também tem início no rostral, passa pelo olho, ouvido e se estende para além da base da cauda, ou-

tra estria acinzentado-claro tem início no ouvido e se estende também à base da cauda; mento, garganta e supralabiais brancos imaculados; às vezes os supralabiais, mento e pescoço manchados de escuro; região ventral às vezes esbranquiçada, às vezes completamente escurecida de pardo; cauda dorso-lateral, salpicada de manchas pardacentas e inferiormente em sua maior parte branca ou às vezes tingida de pardo-cinza. Alguns exemplares apresentam padrão pardo escuro mais acentuado no dorso, lados e ventre.

Em vida estes lagartos mostram um bronzeado brilhante metálico, com as estrias dorso-laterais azuladas; cauda róseo-avermelhado, clareando para a ponta.

O comprimento nos machos varia de 29 mm a 35 mm no corpo e 50 mm a 66 mm na cauda, enquanto nas fêmeas vai de 30 mm a 40 mm e 42 mm a 70 mm, respectivamente.

Hoogmoed (1973 : 278) esclareceu o status da espécie para o Suriname, Guiana, Barbados, Tobago, Trinidad e, possivelmente, o leste da Venezuela, diferenciando-a bem de sua co-específica *G. s. speciosus* (Hallowell, 1861), que é encontrada em Honduras e Nicarágua e partes adjacentes do norte da América do Sul, até a ilha de Margarita. *G. underwoodi* não foi ainda encontrado na Guiana Francesa, conforme a lista de Hoogmoed & Lescure (1975 : 63), porém presumem que possa ocorrer.

Vanzolini (1976) tendo por base 22 espécimes, dos quais 7 do Brasil (entre eles 2 de Roraima e 1 de Taperinha, Pará), mostrou que nesta série quatro exemplares eram machos, ao contrário do que Hoogmoed (1973) supunha ao afirmar que *G. underwoodi* era espécie partenogenética, pelo menos em certas localidades do Suriname. Embora com poucos exemplares machos Vanzolini esclareceu que esta espécie tem também populações bissexuais, agora reforçada pela realidade dos 9 exemplares coletados na Colônia Coronel Mota de Roraima.

***Tupinambis nigropunctatus* Spix**

Tupinambis nigropunctatus Spix, 1825: 18; Burt & Burt, 1931: 379; Cunha, 1961: 203; Hoogmoed, 1973: 362; Hoogmoed & Lescure, 1975: 161.

Tupinambis teguixin; Duellman, 1978: 223.

Material: 1 ♀ jovem de Colônia Coronel Mota.

Esta espécie de *Tupinambis* apresenta ampla distribuição em quase todo o norte da América do Sul (Trinidad, Venezuela, Guiana, Suriname, Guiana Francesa, Peru, Equador, Amazônia brasileira até Maranhão, norte de Goiás e Mato Grosso).

É bastante distinta de *T. teguixin* (Linnaeus, 1758), que ocorre apenas desde o leste do Maranhão (cerrados e caatinga) até o Paraguai, conforme Vanzolini (1980 : 119), não apenas pelo escudo loreal, somente um em *T. nigropunctatus* e dois na segunda espécie citada, além de outros caracteres diferenciais nos escudos cefálicos, merísticos, de coloração e de habitat. Isto foi, aliás, bem estabelecido em nosso trabalho (1961 : 103) tratando desta espécie, em exemplares do Pará, Amapá, Amazonas, Goiás e norte de Mato Grosso.

Recentemente Presch (1973) em apressada revisão de *Tupinambis*, concluiu que *T. teguixin* era conspecífico a *T. nigropunctatus*, colocando assim este na sinonímia daquele em flagrante erro. Pelas conclusões que temos feito, concordamos com as recentes afirmações de Hoogmoed & Lescure (1975 : 161) e Vanzolini *et al.* (1980 : 123).

O exemplar aqui estudado, ainda muito jovem, apresenta os seguintes dados: 35 ventrais transversais, 23 ventrais longitudinais; 3/4 poros preanais de cada lado e 6 poros femorais idem. Comprimento 108 mm no corpo e 192 mm na cauda. Foi capturado em uma capoeira junto de um regato às proximidades de habitação.

AGRADECIMENTOS

O autor agradece ao desenhista Raphael Alvarez pelo mapa apresentado, ao Dr. William Overal, chefe da Divisão de Invertebrados do Museu Goeldi, pelo sumário em inglês e, por fim, ao Auxiliar de Serviços Gerais desta Seção, Reinaldo Justo de Moraes, pela datilografia dos originais.

SUMMARY

This article treats 13 species of lizards (Reptilia: Lacertilia) from a collection of 591 specimens which were captured in June, 1970, in savannas and forests at two localities between the Cauamé and Uraricoera Rivers, near Boa Vista, Territory of Roraima, Brazil. Of these 13 species, 3 belong to the family Gekkonidae, 4 to the Iguanidae, 1 to the Scincidae, and 5 to the Teiidae. Additional comments are made on species: *Coleodactylus septentrionalis* Vanzolini, 1980, *Gymnophthalmus underwoodi* Grant, 1958 and *Mabuya bistriata* (Spix, 1825).

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BARBOUR, Thomas & NOBLE, G.K.
1915 — A revision of the Lizards of the genus *Ameiva*. **Bull. Mus. comp. Zool.**, Cambridge Mass. 59 (6): 417-479.
- BEEBE, William.
1944 — Field notes on the lizards of Kartabo, British Guiana, and Caripito, Venezuela. Part II. Iguanidae. **Zoológica**, New York, 29 (18): 195-216. il.
- BOULENGER, George A.
1885 — **Catalogue of the lizards in the British Museum (Natural History)**. London, Printed by order of the trustees. v. 1-2.
- BURT, Charles E. & BURT, May D.
1930 — The South American lizards in the collection of the United States National Museum. **Proc. U.S. natn. Mus.**, Washington, 78 (6): 1-52.
- 1931 — South American lizards in the collection of the American Museum of Natural History. **Bull. Am. Mus. nat. Hist.**, New York, 61: 227-395. il.

CUNHA, Osvaldo R. da.

- 1961 — Lacertílios da Amazônia. II. Os lagartos da Amazônia brasileira, com especial referência aos representados na coleção do Museu Goeldi. **B. Mus. Pa. Emílio Goeldi, n. ser. Zool.**, Belém, 39. 189p.

CUNHA, Osvaldo R. da & NASCIMENTO, Francisco P. do.

- 1980 — Ofídios da Amazônia. XI — Ofídios de Roraima e notas sobre **Erythrolamprus Bauperthuisii** Duméril Bibron & Duméril, 1854. sinônimo de **Erythrolamprus aesculapii aesculapii** (Linnaeus, 1758). **B. Mus. Pa. Emílio Goeldi, n. ser. Zool.**, Belém, 102. 21p. il.

DAUDIN, F.M.

- 1802 — **Histoire Naturelle, générale et particulière des reptiles**. Paris, F. Dufart. v. 4.

DONOSO-BARROS, Roberto.

- 1968 — The Lizards of Venezuela (Check list and key). **Carib. J. Sci.**, 8 (3-4): 105-122. il.

DUELLMAN, William E.

- 1978 — The Biology of an Equatorial Herpetofauna in Amazonian Ecuador. **Misc. Publ. Univ. Kansas**, 65: 1-352. il. mapas.

DUMÉRIL, Auguste M.C. & BIBRON, G.

- 1839 — **Erpetologie générale ou histoire naturelle complète des reptiles**. Paris. Librairie Encyclopedique de Roret. v. 5.

DUNN, Emmett R.

- 1935 — Notes on American Mabuyas. **Proc. Acad. nat. Sci. Philad.**, 87: 533-557.

ETHERIDGE, Richard.

- 1970 — A review of the South American iguanid lizards genus **Plica**. **Bull. Br. Mus. nat. Hist. (Zool.)**, London, 19 (7): 235-256. il.

FRANCO, Eliana M.C.; DEL'ARCO, Jeferson Oliveira; RIVETTI, Márcio.

- 1975 — II — Geomorfologia. In: BRASIL. Departamento Nacional de Produção Mineral. Projeto RADAMBRASIL. **Folha NA. 20 Boa Vista e parte das Folhas NA. 21 Tumucumaque, NB. 20 Roraima e NB. 21**. Rio de Janeiro. (Levantamento de Recursos Naturais, 8). p. 139-180. il. 8 est. mapas.

GRANT, C.

- 1958 — A new *Gymnophthalmus* (Reptilia: Teiidae) from Barbados, B.W.I. **Herpetológica**, Chicago, 14: 227-228.

GUERRA, Antonio T.

- 1957 — **Estudos geográficos do Território de Rio Branco**. Rio de Janeiro, IBGE. 252p. (Biblioteca Geográfica Brasileira, Ser. A.; Publ. 13).

GUICHENOT, A.

- 1855 — Reptiles. In: CASTELNAU, Francis de. **Expedition dans les parties centrales de l'Amerique du sud de Rio de Janeiro à Lima et de Lima au Pará pendant 1843 à 1847**. Paris, P. Bertrand. Partie VII. Zoologie — Animaux nouveaux ou rares recueilles pendant l'expedition...

HOOGMOED, Marinus S.

- 1973 — **Notes on the Herpetofauna of Surinam IV. The Lizards and Amphisbaenians of Surinam**. The Hague, Dr. Junk Publishers. 419p. il.

HOOGMOED, Marinus S. & LESCURE, Jean.

- 1975 — An annotated check-list of the lizards of French Guiana, mainly based on two recent collections. **Zool. Meded. Leiden**, 49 (13): 141-171. il.

KLUGE, Arnold G.

- 1969 — The evolution and geographical origin of the New World **Hemidactylus mabouia — orokii** complex (Gekkonidae, Sauria). **Misc. Publ. Mus. Zool. Univ. Mich.**, Ann Arbor, 138: 1-78. il.

LINNAEUS, Carolus.

- 1758 — **Systema Naturae, secundum, classes, ordines, genera, species cum characteribus, differentiis synonymis, locis**. Editio Decima. Stockholm. Tomus I. p. 1-823.

PETERS, James A. & DONOSO-BARROS, R.

- 1970 — Catalogue of the Neotropical Squamata: Part II — Lizards and Amphisbaenians. **Bull. U.S. natn. Mus.**, Washington. and Amphisbaenians. **Bull. U.S. nat. Mus.**, Washington. 297: 1-293. il.

PRESCH, William.

- 1973 — A review of the Tegu, Lizards genus **Tupinambis** (Sauria: Teiidae) from South America. **Copèia**, New York, 4: 740-746. il.

REBOUÇAS-SPIEKER, Regina.

- 1981a — Sobre uma nova espécie de Mabuya do Nordeste do Brasil (Sauria Scincidae). **Pap. Av. Zool.**, São Paulo, 34 (9): 121-123. 1 fig.

1981b— Sobre uma nova espécie de Mabuya da Amazônia Brasileira (Sauria Scincidae). **Pap. Av. Zool.**, São Paulo, 34 (16): 161-163.

RIVERO-BRANCO, Carlos.

1963 — Un genero y especies de Tuqueques (Sauria: Sphaerodactylinae) citados por primeira vez para Venezuela, con notas sobre la distribución de otras especies poco conocidas. **Mem. Soc. Ci. Nat. La Salle.**, 77 (27): 103-117, il.

SPIX, Jean B.

1825 — **Animalis Nova sive species novae Lacertarum quas itinere per Brasiliam annis MDCCCXVII - MDCCCXX.** Munchen. p. 1-26. il.

VANZOLINI, Paulo E.

1957 — O gênero *Coleodactylus* (Sauria, Gekkonidae). **Pap. Av. Zool.**, São Paulo, 13 (1): 1-17. il.

1968 — Lagartos Brasileiros da família Gekkonidae. **Arq. Zool.**, São Paulo, 17 (1): 1-84. il.

1976 — On the presence of males in ***Gymnophthamus underwoodi***, a presumed all female lizards species (Sauria, Teiidae). **Pap. Av. Zool.**, São Paulo, 29 (20): 177-179.

1978 — On south American *Hemidactylus* (Sauria, Gekkonidae). **Pap. Av. Zool.**, São Paulo, 31 (20): 307-343. il.

1980 — *Coleodactylus septentrionalis*, sp. n., with notes on the distribution of the genus (Sauria, Gekkonidae). **Pap. Av. Zool.**, São Paulo, 34 (1): 1-9. il. 1 mapa.

VANZOLINI, Paulo Emilio; RAMOS-COSTA, Ana Maria M.; VITT, Laurie J.

1980 — **Répteis das Caatingas.** Rio de Janeiro. Academia Brasileira de Ciências. il.

VELOSO, Henrique P. et alii.

1975 — IV — Vegetação. In: BRASIL. Departamento da Produção Mineral. Projeto RADAMBRASIL. **Folha NA. 20 Boa Vista e parte das Folhas NA. 21 Tumucumaque, NB. 20 Roraima e NB. 21.** Rio de Janeiro (Levantamento de Recursos Naturais, 8) p. 307-403. il. 12 est., mapas.

(Aceito para publicação em 20/07/81)

CUNHA, Osvaldo Rodrigues da. Lacertílios da Amazônia. VII — Lagartos da região norte do Território Federal de Roraima, Brasil. (Lacertilia; Gekkonidae, Iguanidae, Scincidae e Teiidae). **Boletim do Museu Paraense Emílio Goeldi, Nova Série: Zoologia**, Belém (107): 1-25, dez., 1981. il.

RESUMO: Estuda-se neste trabalho 13 espécies de lagartos de uma coleta de 591 espécimes efetuada em junho de 1970, nas savanas e matas de duas localidades entre os rios Cauamé e Uraricoera, região de Boa Vista, Roraima. Das 13 espécies, 3 pertencem à família Gekkonidae, 4 à Iguanidae, 1 à Scincidae e 5 à Teiidae. Notas adicionais são feitas nas espécies ***Coleodactylus septentrionalis*** Vanzolini, 1980, ***Gymnophthalmus underwoodi*** Grant, 1958 e ***Mabuya bistriata*** (Spix, 1825).

CDU 598.1129(811.5)

CDD 598.112098115

MUSEU PARAENSE EMÍLIO GOELDI

t